

## RESENHAS

---

Onfray, Michel. **Traité d'athéologie**. Paris: Grasset, 2005. 281 p. [*Tratado de ateologia*. trad. Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2007. xxv + 214p.]

Impressionado pela propaganda (200.000 exemplares vendidos na França) e pelo *Prix Médicis de l'Essai* atribuído ao autor em 1993 (ele nasceu em 1959), não resisti à curiosidade e me pus a ler este tratado de ateologia, termo que, além de Georges Bataille, lembra pensadores como o “crente” Levinas, que visa uma metafísica ética sem o Deus teísta da Modernidade. Mas que decepção! Ainda bem que li a obra em francês, para degustar-lhe a agilidade literária, que, suponho, deve ter desaparecido da tradução brasileira. No mais, só confirma sua contínua referência a Nietzsche e ao niilismo: nada com nada. Na capa está que o projeto de Onfray é um projeto ético hedonista. Ainda bem que está na capa, senão não o teria descoberto.

O livro não desenvolve um discurso coerente sobre o pensamento sem Deus. No primeiro capítulo, intitulado “Athéologie”, o autor se queixa de que as denominações dadas ao ateísmo são sempre negativas (p. 42). Como o faz o próprio livro, e disso não escapa. O segundo capítulo trata dos “Monothéismes”, o terceiro do “Christianisme”, o quarto da “Théocratie”. Essa divisão, porém, não corresponde a um progresso lógico, mas antes à organização da repetição. O livro dá a impressão de jornalismo barato. Muito grito em torno do nada niilista. Além de Nietzsche, alguma lembrança de Epicuro e seu materialismo atomista. Identifica a racionalidade com a filosofia, mas, quando o filósofo reconhece os limites da pura razão (Kant), Onfray levanta a acusação de inconseqüência (p. 31).

Teocomunicação	Porto Alegre	v. 37	n. 158	p. 601-603	dez. 2007
----------------	--------------	-------	--------	------------	-----------

Ao atacar os monoteísmos, o chumbo grosso vai contra o islamismo. Desconhecendo essa religião, concedo a Onfray a vantagem da dúvida, mas o que ele diz sobre o judaísmo e o cristianismo, religiões que eu conheço, me faz duvidar dessa vantagem. Demonstra soberba ignorância da exegese bíblica. Adotando a opinião iluminista de que Paulo seja o fundador do cristianismo, atribui a criação do evangelho a Marcos, por volta dos anos 70 d.C., sem dedicar uma palavra ao documento Q, embutido em Mt e Lc e considerado o mais antigo texto evangélico, remontando até antes das cartas paulinas. Acha improvável Jesus ter sido crucificado, porque os judeus castigavam a blasfêmia com o apedrejamento, mas não considera que o movimento provocado por Jesus pode ter sido uma “razão de Estado” suficiente para um procurador aplicar-lhe o castigo romano correspondente. Aventura-se a descobrir qual pode ter sido o “espinho na carne” do “histórico” Paulo e vê a solução nos abundantes ataques de Paulo contra a carne. Mas qualquer aluno de teologia sabe que a carne em Paulo não é o que Onfray pensa, e sim a auto-suficiência humana. Mostra, evidentemente, o papel de Constantino nas origens da “Cristandade”, fornece até alguns detalhes interessantes em torno de Giordano Bruno e Galileu Galilei e, naturalmente, insiste no envolvimento do Papa Pio XII com o nazismo. Denuncia a cumplicidade de clérigos e religiosos com o genocídio em Ruanda, em 1994, mas tem de admitir que tudo aconteceu “com a bênção de François Mitterand”, presidente (ateu) da França (p. 235). Cito esse caso, para lembrar que o pertencer ou o não pertencer a uma religião não garante a eticidade ou a não-eticidade das pessoas.

Em suma, não é assim que se executa o projeto de uma ateologia, discurso filosófico coerente dispensando “o que chamamos Deus” (como diz Tomás).

*Johan Konings*

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e de Teologia,  
Belo Horizonte

---

ZUBEN, Newton Aquiles von. **Bioética e Tecnociências. A saga de Prometeu e a esperança paradoxal.** Bauru, Edusc, 2006, 280p.

Um livro filosófico, no qual o autor concentrou seus estudos, publicações, diálogos e conferências realizados nos últimos anos, o que por si só já indica que seu conteúdo merece não somente ser lido, mas refletido. O autor evoca dois campos do debate atual: a tecnociência e a bioética, deixando claro que, já desde a mitologia grega e bíblica, se trava uma intensa e profunda discussão entre a aquisição do conhecimento e o controle do mesmo, entre o poder e o saber. Através do mito de Prometeu, o qual foi duramente castigado pelo seu ato de orgulho e ousadia, ao desafiar os deuses, o autor expõe o drama humano e que hoje se evidencia através da tecnociência, a qual convoca a buscar sempre mais e avançar para mais perto dos limites e até mesmo ultrapassá-los. A tecnociência é ambivalente, pois confere novos domínios e novos temores, esperanças e incertezas, resultando em atitudes extremas, batizadas de tecnofobia e tecnofilia, duas faces do mesmo fantasma que deve ser exorcizado. A tecnociência revoluciona a forma de pensar, de perceber o tempo e o espaço, mas provoca também reflexões críticas fundadas no debate democrático que provoca uma refundação do próprio homem. É nesse contexto que nasce a bioética. A provisoriedade e as incertezas, a crise de valores, as rupturas, a exclusão social e a violência, direta ou indiretamente resultantes dos novos tempos, o fim dos absolutismos e dos dogmatismos convocam a participação na nova ética que se elabora através do diálogo. Diante da metamorfose da racionalidade e da carência ética em pensar e fundamentar as decisões, a bioética inaugura uma nova etapa no empreendimento de compreensão da razão, não como um promotor ou acusador, mas como um magistrado que chama em causa novos princípios, tais como o da precaução e o do diálogo.

*Wilmar Barth*

FATEO – Faculdade de Teologia da PUCRS

---